

Habilidades sociais em gêmeos adolescentes

Social skills in twins' teenagers

Caroline da Silva Bueno^{1*}, Ilana Andretta²

Psicologia, Universidade do Vale do Rio do Sinos UNISINOS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail carolbuenopsi@gmail.com

Resumo: Fundamentos: Comportamentos desejáveis são esperados para a fase da adolescência por terem tido seu espaço de desenvolvimento interpessoal durante a infância. Os desafios da adolescência somados ao da gemelaridade unem forças para atravessar a construção de diversos fatores subjetivos, como a aprendizagem de novas habilidades sociais. Objetivo: O objetivo deste estudo foi compreender como acontece o desenvolvimento de habilidades sociais em gêmeos adolescentes. Métodos: Foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória, por meio de entrevista semiestruturada. Os participantes foram doze gêmeos dizigóticos, brasileiros e sem excepcionalidades. As idades variaram entre doze e dezessete e as duplas eram constituídas por gêmeos do mesmo gênero. Após a análise dos conteúdos foram identificadas três categorias que foram agrupadas em seis subcategorias: 1) Relações Interpessoais – Contexto familiar e Contexto social; 2) Gemelaridade – Percepção e Fatores positivos e negativos e 3) Habilidades Sociais – Déficits e Variabilidade de repertório. Resultados: Os resultados apontaram que a gemelaridade impacta o déficit de habilidades sociais como comunicação, e conseqüentemente em habilidades de autonomia, civildade e fazer e manter amizades. As habilidades sociais desenvolvidas por um dos adolescentes gêmeos, nem sempre reflete na dupla. A parceria que ocorre entre a dupla não está diretamente ligada à aquisição de habilidades sociais, fazendo com que cada um construa seu repertório individualmente. Conclusão: Destaca-se a importância de ampliar o olhar para o comportamento dos gêmeos monozigóticos em futuros estudos.

Palavras-chaves: gêmeos, gemelaridade, bivitelinos, adolescentes, habilidades sociais.

Abstract: Background: Desirable behaviors are expected in adolescence, as they have had, during childhood, their space for interpersonal development. The challenges of adolescence added to twinning challenges join forces to go through the construction of several subjective factors, such as learning new social skills. Objective: The aim of this study was to understand how the development of social skills occurs in teenage twins. Methods: A qualitative and exploratory research was conducted by means of a semi-structured interview. The participants were twelve dizygotic twins, Brazilians and without exceptionalities. The ages ranged from twelve to seventeen years old, and the pairs were composed by twins of the same gender. After analyzing the contents, there were three categories identified, which were grouped into six subcategories: 1) Interpersonal Relations – Family Context and Social Context; 2) Twinhood – Perception and Positive and Negative Factors and 3) Social Skills – Deficits and Repertoire Variability. Results: The results pointed out that twinhood impacts the social skills deficit such as communication, and consequently in autonomy abilities, civility and making and maintaining friendships. The social skills developed by one of the twin teens does not always reflect on the pair. The partnership that occurs between the pairs is not directly linked to the acquisition of social skills, causing each one to build their own repertoire individually. Conclusion: The study highlights the importance of expanding the look at the behavior of monozygotic twins in future studies.

Key-words: twins, twinhood, fraternal twins, teenagers, social skills.

Introdução

Entende-se como gêmeos os bebês gerados na mesma gestação. Esta pode ocorrer pela fertilização de dois óvulos gerando bivitelinos, dizigóticos ou fraternos e, como possuem códigos genéticos diferentes, produzem gêmeos diferentes, do mesmo sexo ou não. Ou, pode ocorrer através da fecundação de um óvulo que se divide em dois, gerando os conhecidos como univitelinos, monozigóticos ou popularmente como idênticos, e que por possuírem o mesmo código genético, possuem o mesmo sexo (Viotto, 1993). Também são considerados gêmeos quando ocorre a superfetação, que é quando um feto adicional é concebido dias ou semanas após o primeiro bebê (Halbe, 1976).

Para tanto, esses precisam receber estímulos para que seu desenvolvimento e amadurecimento cognitivo aconteçam (Aberastury, 1996). Não importa de quem ou de que forma recebam, mas sim a qualidade destes estímulos, respeitando sempre o momento adequado da evolução do indivíduo, principalmente na fase infantil (Zanini, 2009). Contudo, é na família que ocorre a construção dos primeiros comportamentos sociais (Teixeira et al., 2017).

O sujeito passa por vários desafios ao longo de seu desenvolvimento, seja ele físico, social ou emocional. Cada etapa do ciclo vital possui suas peculiaridades e exige desenvolvimento cognitivo adequado para lidar com os desafios, e com gêmeos, o processo é o mesmo. No processo de adolecer, é que a pessoa se descobre enquanto sujeito separado e diferente dos pais, e que o amadurecimento cognitivo permite que o sujeito possa “[...] refletir sobre si mesmo e sobre os outros, em termos abstratos [...]” (Rodríguez & Damásio, 2014). Rodríguez e Damásio (2014) ainda ressaltam que a atenção dos responsáveis é fundamental, para identificarem possíveis distúrbios que possam comprometer a transição de acontecimentos, prejudicando assim, a construção subjetiva dos sujeitos.

É durante a adolescência que o processo de individuação acontece, devido a fatores biológicos, ambientais e pessoais. Se perceber diferente do outro e identificar o eu à qual pertence é um processo natural do desenvolvimento humano para gêmeos e não-gêmeos. Contudo, no caso de gêmeos, além da separação da mãe, ainda vivenciam o desafio de divisão com o co-gêmeo (Reis et al., 2018).

Em geral, as pesquisas que envolvem a estrutura cognitiva gemelar, apontam “[...] fatores genéticos, ambientais e familiares contribuindo para o desenvolvimento humano [...]” (Viotto, 1993), assim como em não gêmeos. E, quando o foco é sobre o repertório de habilidades sociais, o que importa é como a criança recebe os estímulos do ambiente em que está inserida (Costa & Del Prette, 2012).

Entende-se como habilidades sociais um conjunto de “[...] comportamentos sociais, valorizados pela cultura ou subcultura nas interações com outras pessoas [...]” familiares (Del Prette & Del Prette, 2017) desenvolvidas ao longo da vida por meio do convívio com pais, professores e familiares (Del Prette & Del Prette, 2017). Alguns comportamentos desejáveis são esperados para a fase da adolescência por terem tido seu espaço de desenvolvimento interpessoal durante a infância, onde as principais são: “[...] autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solucionar problemas e habilidades sociais acadêmicas [...]” (Del Prette & Del Prette, 2005).

Tendo em vista que as habilidades sociais são “[...] comportamentos e não traços de personalidade, mesmo que correlacionadas com características pessoais de resiliência, consciência social e responsabilidade [...]” (Del Prette & Del Prette, 2017). E que, além disso, são aprendidas ao longo da vida, desde que as condições sejam favoráveis, e são situacionais-culturais, pois dependem de valores, regras e normas de uma determinada cultura em que o sujeito está inserido (Del Prette & Del Prette, 2017).

Deste modo, os desafios da adolescência somados ao da gemelaridade unem forças para atravessar a construção de diversos fatores subjetivos, como a aprendizagem de novas habilidades sociais, por exemplo. Assim, o repertório das habilidades sociais enriquece o manejo das relações interpessoais tornando esse processo de evolução e o funcionamento psicológico saudável e adaptativo do sujeito (Curran, 1985 apud Wagner et al., 2012).

É na adolescência também, que o sujeito se distancia de seus pais para viver novas situações, mas carrega consigo seus aprendizados vivenciados com seus cuidadores e para gêmeos, também da convivência com seu co-gêmeo. Experiências que delinham a forma de interagir socialmente de acordo com a cultura em que está inserido e as crenças familiares internalizadas e, que reverberam no repertório das habilidades sociais (Aberastury, 1982).

Assim, o principal objetivo deste estudo foi compreender como acontece o desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes gêmeos. O anseio da descoberta de si, somado a sua individuação e do seu co-gêmeo e a decisão sobre quem quer ser, são essenciais para coordenar as ações e atitudes que estabelecem um vínculo com a sociedade e com o mundo, são primordiais para uma adolescência saudável (Rodríguez & Damásio, 2014) e, algumas habilidades sociais, como “[...] senso de humor, empatia, habilidades de comunicação, de resolução de problemas, autonomia e comportamentos direcionados a metas previamente estabelecidas [...]” (Del Prette & Del Prette, 2005) podem contribuir positivamente para esse processo.

Materiais e métodos

Foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória uma vez que o objetivo desse estudo envolveu a percepção do próprio jovem diante da gemelaridade e suas vivências. Segundo Manzato e Santos (2012) essas pesquisas “[...] são utilizadas quando se quer medir opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes etc. de um universo (público-alvo)”.

Participantes

Participaram deste estudo doze gêmeos dizigóticos (bivitelinos ou fraternos), brasileiros e sem excepcionalidades. As idades variaram entre doze e dezessete anos de idade e as duplas eram constituídas por gêmeos do mesmo gênero. Houve um cuidado para não chamar as duplas de “[...] ‘pares’, pois eles não são duas metades e sim dois seres completamente individuais [...]” (Jabbour & Marques, 2000). O critério para determinar o número exato de participantes foi o de saturação dos dados, ou seja, quando atingiu a “[...] redundância de informações” (Fontanella et al., 2008).

Essa amostra foi constituída por conveniência, a partir de uma rede de contato da pesquisadora, e o critério de inclusão para participar do programa era de ser adolescente gêmeo. Alguns dados foram preservados para proteger as identidades dos participantes. Portanto, a palavra utilizada para nomear cada um destes, foi a utilizada por estes para definir a gemelaridade na entrevista. Parceria(a) e Conexão(a); Companhia(a) e Conexão(b); Estranha e Diferente; Companheirismo e Amor; Companhia (b) e Companhia (c); Parceria (b) e Afeto.

Instrumento

Foi utilizada uma entrevista parcialmente estruturada, elaborada pela autora do estudo, que continha as seguintes temáticas: as experiências sobre a adolescência e a relação desta com os amigos, pais/cuidadores; a percepção da gemelaridade em suas vidas, de acordo com o entendimento de cada um; sentimentos que abarcam suas relações interpessoais.

A escolha por este instrumento deu-se por tratar de um tema complexo. Além disso, Gil (2008) explica que a entrevista “[...] é recomendada nos estudos exploratórios, que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado [...]”.

Procedimentos éticos

Por envolver seres humanos, essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos [UNISINOS] sob o parecer nº 5.162.149. Os responsáveis legais pelos participantes assinaram o Termo de Assentimento para Menor de Idade, conforme solicitação da Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde [CNS] (2016). Todos os termos foram encaminhados aos responsáveis por e-mail ou por WhatsApp para conhecimento prévio e esclarecimento de dúvidas.

O estudo ofereceu risco mínimo aos participantes, relacionado a algum desconforto em falar sobre algum assunto questionado. Nenhuma situação demandou atendimento ou encaminhamento especializado profissional. Ao término desse estudo, será realizada uma devolução dos resultados aos participantes e seus responsáveis legais.

Procedimentos de coleta dos dados

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, foi feito contato, por WhatsApp, com os participantes desta pesquisa, a fim de combinar o dia e horário da entrevista individual para a coleta de dados. Além disso, tendo em vista o momento de pandemia que o país estava enfrentando, as entrevistas foram realizadas individualmente, de forma on-line pela plataforma teams. Os convites para participar desta foram enviados aos jovens, e, por terem menos de dezoito anos, foi necessário solicitar a assinatura do Termo de Assentimento para Menor de Idade aos responsáveis legais.

No dia da entrevista, agendado de acordo com a disponibilidade do participante, em um primeiro momento, foram retomados os objetivos da pesquisa e esclarecimento de possíveis dúvidas. Foi solicitado também, a autorização dos participantes para a gravação da entrevista, para posterior transcrição e análise do conteúdo.

A ordem das perguntas da entrevista foi flexível, para que fosse possível construir uma relação de empatia entre pesquisadora e entrevistado(a). Porém, quando ficou perceptível a entrevistadora que o entrevistado não estava motivado em responder os questionamentos, perguntas mais específicas foram realizadas para facilitar e desenrolar da entrevista (Gil, 2008).

Na pesquisa qualitativa exploratória, a entrevista parcialmente estruturada “[...] é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano” (Gil, 2008). E, Bardin (2011) enfatiza que quando utilizamos a espontaneidade da fala do entrevistado, esse expressa também sua vontade, utilizando sentimentos e pensamentos para descrever sua experiência.

Procedimentos de análise dos dados

A análise dos dados foi realizada a partir da técnica da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011), onde a organização, separação e agrupamento das falas dos entrevistados são realizadas de acordo com os assuntos que foram discutidos nas entrevistas.

Resultados e discussão

Após a análise dos conteúdos foi possível identificar três categorias que foram agrupadas em seis subcategorias. 1) Relações Interpessoais: 1.1) Contexto familiar e 1.2) Contexto social; 2) Gemelaridade: 2.1) Percepção e 2.2) Fatores Positivos e Negativos; 3) Habilidades Sociais: 3.1) Déficits e 3.2) Variabilidade de repertório.

Relações interpessoais

Desde os tempos mais primórdios o humano surge em sua existência, se desenvolve e constrói sua identidade na relação com o outro (Alcântara, 2013). Sendo nessa conexão que acontece “[...] o processo de socialização [...]” (Arón & Milici’C, 1994) e que aos poucos, vai acumulando vivências e experiências que resultam em habilidades comportamentais adequadas para a convivência saudável com os demais membros da mesma espécie e da mesma cultura. Essas relações puderam ser identificadas nesse estudo nas duas subcategorias a seguir.

Contexto familiar

A literatura descreve que os gêmeos despertam a atenção e a curiosidade. E que há um grande desafio inserido na convivência com estes. A rotina da família se constrói aos poucos, conforme o convívio e o vínculo que se estabelece com o passar dos meses. E, ao mesmo tempo, ter que se (re) adaptar às necessidades dos bebês, conforme estão mudando e avançando nas fases de desenvolvimento (Fagundes, 2021) e assim sucessivamente, até atingir a fase adulta.

Alcântara (2013) enfatiza que “O dom inicial da existência humana mostra sua demanda por confiar no outro, naquele que possui condições de acolhê-lo e de fazê-lo crescer”, independentemente da idade do sujeito. Sob esse aspecto, é possível perceber a importância do ambiente familiar, visto que os entrevistados classificaram a relação com os pais como sendo satisfatória e saudável para sua vivência e desenvolvimento como pode ser confirmada nas falas a seguir.

“A gente sempre teve uma relação muito boa, então eu acho que isso começou desde o início, que a gente conversava bastante e hoje a gente conversa bastante também. Quando eu tenho alguma questão, eu sempre tento falar com eles, algumas coisas eu não falo porque sabe privacidade minha e tal. Mas a maioria das coisas assim, quando eu sinto que precisa, eu falo para eles e a gente tem uma relação muito tranquila com isso. É, é uma relação muito boa [sorriu]” (Companhia(a)).

“É, bom, é bem normal. Sim, a gente se dá super bem. Vamos ver. Eu converso sempre mais com a mãe, né? Eu sempre. Eu converso mais com ela sobre as coisas e eu sempre conto para ela primeiro. Daí depois de um tempinho eu falo, pai” (Afeto).

As falas acima também permitem realizar uma reflexão acerca do papel da parentalidade e da construção das relações vivenciadas ao longo da formação e adaptação da família na convivência com os gêmeos. Andrade (2016) destaca que “as características pessoais, a relação conjugal, a atividade profissional assim como o contexto social influenciam-se mutuamente e, por sua vez, influenciam a parentalidade tendo esta influência no desenvolvimento da criança”.

Essas influências ficam perceptíveis quando os adolescentes entrevistados relatam uma filtragem dos assuntos a serem debatidos com o pai/mãe ou cuidador principal. O que representa a subjetividade parental, é a empatia construída com cada uma das figuras que fazem com que o jovem se sinta confortável em buscar ajuda de forma segura e confiante, evidenciando “que a qualidade do vínculo parental influi no desenvolvimento dos gemelares durante o primeiro ano de vida” (Lucion & Escosteguy, 2011), sendo reforçado a cada etapa do ciclo vital podendo ocorrer em diferentes intensidades.

Ressalta-se que sob a perspectiva da gemelaridade, há dois indivíduos distintos, com necessidades singulares e que conseqüentemente, precisam de estímulos diferentes. Diante das habilidades sociais, “o amadurecimento afetivo-emocional” contribui para o desenvolvimento da própria individualidade (Reis et al.,

2018) pois, os cuidadores percebendo que os gêmeos são indivíduos separados, compreendem seus funcionamentos e ofertam os estímulos adequados para cada um, proporcionando aprendizagens diferentes e consequentemente, desenvolvendo e aprimorando habilidades sociais nas interações familiares (Fagundes, 2021).

Contexto social

Na adolescência, o ambiente escolar é a principal fonte de convivência, interação e amizades. É frequente encontrar estudos sobre a separação dos gêmeos na escola, mas não há consenso entre os autores. Não há evidências nem mesmo sob a perspectiva dos próprios gêmeos dos reflexos que essa experiência pode deixar em suas vidas levando em consideração que as duas possibilidades apresentam aspectos positivos e negativos (Rodrigues, 2014), como podem ser corroboradas nas falas abaixo:

“Começamos a ir para a escola com 3 anos. Sempre falam que a escola separa irmão, mas na nossa escola, nunca separou não porque a gente nunca deu problema em ficar juntas na mesma sala. [...], mas é legal também porque quando a gente precisa de uma coisa, a gente pode ir lá pegar o estojo dela, meter a mão na mochila, sem problema nenhum. E não tem esse negócio de meter a mão porque a gente pode [sorriu]” (Estranha).

“Sempre estudei na mesma escola, gosto de lá e não tenho vontade de conhecer outra escola. Sempre estudei junto com a co-gêmea. Esse ano vou fazer cursinho e me preparar, mesmo não sabendo o que quero” (Conexão (a)).

“A gente sempre estudou em turmas separadas. Quando a gente começou a estudar em uma escola de São Leopoldo, quando a gente se mudou, no terceiro ano, foi o primeiro ano que a gente foi separada e foi uma escolha nossa, porque a gente queria mais que os nossos pais, mas a gente concordou, a gente queria [animada]. Eu não sei se tu vais perguntar alguma coisa assim, mas é que muitas vezes as pessoas nos põem como se a gente fosse praticamente a mesma coisa. A gente queria tipo, nós somos duas pessoas diferentes, que tem amigos diferentes e a gente pode conviver de forma diferente. Não precisa estar sempre junto. Então a gente estudou do terceiro ao nono ano separadas” (Companhia (a)).

“Não frequentava muito a escola, assim a mãe não levava [olhar triste]. Frequentemente. Mas não tenho vontade de estudar com ela (co-gêmea)” (Amor).

Algo observado também neste estudo foi a situação de um dos gêmeos estar em companhia dos amigos sem o(a) co-gêmeo(a). Como pode ser observado nas falas abaixo, foi expressiva a falta que um sente do outro, mas não que isso seja algo negativo.

“Eu me sinto normal porque eu gosto da companhia dele, só que eu sei me virar e fazer as coisas. Eu não sei como é que seria ele, se ele sabe, não sei porque a gente sempre foi muito junto. Eu sempre ajudei bastante. Sentir falta, eu sinto, só que eu sei controlar, eu sei me virar, fazer as coisas, mas ele eu acho que é mais difícil” (Parceria(b)).

“[...] a gente tem quase o mesmo círculo social assim, então. Já saí. Eu não posso ficar muito tempo longe dela. É normal para mim, sim, mas não. Tipo, muito tempo longe, [coçou o nariz] uns 6 meses isso daí não dá. Sinto falta dela quando saio sem ela. Às vezes, é bom sair um pouco sem, né? Mas porque eu também, a gente já ficou assim, tipo um tempo, longe, assim tal. Consigo administrar” (Companheirismo).

Morgenstern e Gueller (2015) nos convocam a pensar sobre a potencialidade da dupla não só sob a perspectiva da simbiose e que muitas vezes é reforçada pela dupla parental quando escolhem nomes similares, vestem com roupas semelhantes, aplicam o mesmo castigo, ou os chamam de gêmeos ao invés de chamá-los pelos nomes individuais.

Gemelaridade

Esta categoria abrange todas as questões referente ao fato de os entrevistados serem gêmeos. A saber, Kupermann (2018) define gemelaridade como uma “condição de colocar em xeque nossas concepções acerca dos processos de constituição de subjetividade [...] nossa irreduzível singularidade; o que nos faz únicos, diferentes de qualquer outro, irreplicáveis”. A importância dos relatos sobre a experiência da gemelaridade se dá visto a escassez de literatura sobre o assunto.

Percepção

Sob a luz da gemelaridade, quando evolui para a adolescência, o desafio é árduo. Dado que é uma fase limítrofe, que marca o fim da infância e introduz a vida adulta, exigindo amadurecimento psíquico e flexibilidade para enfrentar dúvidas, inseguranças e ansiedades, uma vez que, é marcada por percepções e decisões importantes (Moura, 2008).

Para tanto, uma questão bastante ambígua pôde ser observada sob a percepção da gemelaridade pelos próprios gêmeos (as). Por mais que uma grande parte dos entrevistados gostem de sair ou ficar por algum tempo sozinhos, esses não conseguem imaginar suas vidas, de uma forma mais ampla, sem a existência de seu co-gêmeo(a).

“É uma coisa muito normal para mim, desde que me conheço. É assim e normal. E aqueles que não sabem o que é normal então vou explicar é assim [sorrindo]. Às vezes a gente não se fala muito. Oi, tipo num dia assim a gente não fica muito grudada, mas no geral a gente está sempre juntas e às vezes até minha mãe fica tipo nossa, se desgrudem porque a gente fica muito juntas, o tempo todo abraçada, agarradas e.... Inclusive a gente comenta que a gente tem muita saudade para matar, entendeu? Porque a gente não sabe, mas tem que estar junto. E aí a gente também não tinha memória. A gente inventou um idioma e a gente fala até hoje, tipo, quando eu quero, pedir alguma coisa” (Conexão (b)).

“Atualmente, eu não. Como é que posso dizer? Não me veria no caso sem ela. Tipo porque, né? Eu já parei para pensar duas vezes, tipo, a gente não consegue imaginar assim, sem. Porque, né? Desde bebê, literalmente [passou a mão nos olhos]” (Companheirismo).

Para Outeiral (2003), o adolescente está em fase evolutiva, vivenciando a perda do corpo e mente infantilizados, forçadamente adentrando na adultes, e necessitando adaptar seus comportamentos aos de um corpo agora crescido. Nesta fase, são necessárias referências significativas para auxiliar na construção da identidade e nas escolhas, muitas vezes encontradas na escola, junto aos colegas e professores, no grupo de amigos e/ou na família. Outeiral (2003) assevera: “[...] os principais modelos para a construção da identidade são os pais e que se esta identificação for positiva o adolescente estará mais apto a enfrentar dificuldades”.

Não obstante, referente à construção de uma personalidade saudável em gêmeos, os pais devem tomar alguns cuidados que corroboram na constituição da individualidade das crianças. Atitudes simples como colocar nomes distintos, vestimentas diferentes e cantar dois parabéns nos aniversários podem fazer uma grande diferença (Malmstrom, 2001, grifo nosso).

É fundamental para o sujeito perceber-se enquanto humano, e ter coerência entre suas crenças e atitudes para que construa um vínculo sadio entre personagem, sociedade e mundo. O complemento da construção da identidade se dá no contexto social, e por isso a forma como reflete no outro e as opiniões deste sobre nós, principalmente de pessoas significativas no convívio diário, ajuda o sujeito a estabelecer uma percepção real e ideal de si e afastada dos pais. Assim, para encontrar um lugar ao mundo, o senso de identidade precisa ser coerente “com seus valores, sua história de vida e seus ideais de vida futura” (Rodríguez & Damásio, 2014).

Fatores positivos e negativos

Um fator bastante instigado nas pesquisas é sobre o vínculo existente entre os irmãos gêmeos se comparado aos não-gêmeos. Não obstante, Short (2021) enfatiza que “[...] gêmeos são mais propensos a considerar seu irmão gêmeo como figura de apego [...]. Para tanto, neste estudo, mesmo os gêmeos sendo dizigóticos, quando questionados sobre o que mais gostam sobre a gemelaridade, a resposta foi unânime.

“É conforto, tem companhia, e sabe como eu gosto das coisas” (Conexão(a)).

“Vai pela parceria, né? [sorriso tímido] Que daí sempre um tem, o outro para ajudar. Fazer tudo. Que tipo, qual deles é uma coisa? Eu vou fazer, a gente está sempre junto, sempre a parceria. Aí, eu acho que é mais forte. Que a gente é bem parecido” (Parceria (b)).

“[...] agora, falando das coisas que eu gosto, eu gosto muito, muito, muito de ter alguém sempre comigo [empolgada], passando pela mesma coisa que eu. Então, tipo. É uma pessoa que eu posso falar tudo e tirar minhas dúvidas e responder as dúvidas dela também. E eu não diria isso para outras amigas porque não tem tanta intimidade, entendeu? E ela tem participado muito, muito, muito, bem de boas. Eu a adoro também. Eu sempre me

sinto mais segura quando ela está perto de mim, porque se ela não está, vou embora. Vou, te ajudo, peço um beijo, não sei, sabe, é sempre assim” (Companhia (a)).

As falas acima também representam comportamentos identificados como apego para além das figuras parentais. Por ser um comportamento desenvolvido por todo o percurso da vida e por criarmos hierarquias de apego, os gêmeos se utilizam de “[...] certos fatores, como parentesco genético, empatia, incluindo o outro em si mesmo e experiências compartilhadas, que podem afetar a extensão em que os gêmeos usam um ao outro como figuras de apego” (Tancredy & Fraley, 2006). E David et al. (2000) complementam que o apego se estabelece na tríade mãe-bebês, ou seja, a mãe se vincula a cada um dos bebês e vice-versa, assim como ocorre o vínculo entre os bebês.

Contudo, também existem fatores negativos na percepção deles. A literatura aponta que as grandes adversidades da gemelaridade são “as questões da individuação, da singularidade, da construção da imagem unificada do corpo, e, portanto, do eu, e da conquista da autonomia” (Morgenstern & Gueller, 2015). Isso explica o porquê de vários entrevistados ficarem incomodados e/ou chateados com as confusões e comparações vivenciadas conforme relatos abaixo:

“Quem é mais isso? Quem é mais aquilo, ninguém chega para um amigo e fala, nossa, quem é o mais legal de vocês dois? [irritação] Sabe, fica apontando para comparar, tipo, porque não é, não é de ser comparado, não se compara pessoas, entendeu?” (Conexão (b)).

“Somos parecidos, né? De característica física. É que, além das pessoas confundirem nós daí [sério]. Eu não gosto disso” (Parceria (b)).

É desafiador conviver na intimidade com alguém, bastante parecido em aparência física, gostos e atitudes e mesmo assim, ter que construir uma forma de se constituir e se reconhecer como alguém separado e diferente sendo que o externo, família e social, apresentam dificuldades em reconhecer a dupla como diferentes de forma estável (Morgenstern & Gueller, 2015).

Habilidades sociais

Del Prette e Del Prette (2018) definem habilidades sociais como: [...] um constructo descritivo dos comportamentos sociais valorizados em determinada cultura com probabilidade de resultados favoráveis para o indivíduo, seu grupo e comunidade que podem contribuir para um desempenho socialmente competente em tarefas interpessoais.

Na adolescência essa construção fica mais intensa, pois o sujeito é mais exigido frente às interações sociais. A família é associada à “construção de habilidades sociais mais elaboradas, principalmente, no que se refere à qualidade das relações” (Galindo, 2021). Porém, é necessário ter atenção, pois a presença de doenças nas figuras paternas pode impactar em um repertório parco. Além do mais, um repertório empobrecido de competência social pode ser um forte indicador de problemas psicológicos (Del Prette & Del Prette, 2017).

Déficits

O contexto sócio-histórico somado aos processos internos e externos do sujeito são importantes para a construção de si e aquisição de comportamentos socialmente ajustados. Por isso, o sujeito que fracassa no desenvolvimento de suas tarefas evolutivas se apresenta em desajuste às normas sociais (Havighurst, 1957).

Del Prette e Del Prette, (2017) relatam que há três tipos de déficits: Déficit de aquisição, que é quando a habilidade não existe no repertório do sujeito; Déficit de desempenho, que seria quando o sujeito possui a habilidade, mas não a utiliza com certa frequência; Déficit de fluência, que é quando o sujeito apresenta dificuldades no desempenho de certa habilidade.

Para tanto, a habilidade em se comunicar é uma das tarefas evolutivas que é desenvolvida desde a infância e é de extrema importância na vida do sujeito e pode refletir na aquisição de outras habilidades sociais como civilidade e autonomia. Assim, é possível identificar as dificuldades encontradas na elaboração das respostas nas falas da dupla Companhia (b) e Companhia (c):

“Eu penso assim, bem, como é que eu vou falar a situação para pessoa? Mas normalmente eu não falo isso pro meu pai. Mas não sei [mordeu o lábio]; Brigas; Não sei” (Companhia(b)).

“Eu penso um pouquinho antes e depois falo com eles; Não sei; Não” (Companhia(c)).

Outra habilidade em déficit que pôde ser observada nesse estudo foi a dificuldade em fazer e manter amizades. Ela pode ser conferida nas falas da dupla Companheirismo e Amor:

“É, então esse negócio de tipo, socializar assim [passou a mão na testa]. É mais difícil, tipo para conversar com as pessoas. Eu sou meio tímida, então, para conversar com as pessoas, para mim é meio ... difícil assim. Eu, não consigo. Você pode ver facilmente. Não, não era assim. Eu fiquei meio. Que você é a pessoa, vem conversar comigo. A gente conversa legal. Agora eu para mim, chegar a uma amizade é meio difícil. Para iniciar a conversa, para puxar assunto mesmo no remoto sinto essa dificuldade. É, eu não chamo ninguém no remoto, assim, tipo ah gostei daquela menina lá para fazer amizade. Eu não, não consigo chamar ela e fazer amizade” (Companheirismo).

“Tenho dificuldade em fazer amigos [sorriso tímido]. Eles conversam comigo. Uma vez, só saí com meus amigos sem a co-gêmea” (Amor).

Segundo os autores, “os déficits de habilidades sociais estão associados a problemas e transtornos psicológicos específicos, tais como depressão, ansiedade, isolamento social, dificuldades de aprendizagem [...]” (Del Prette & Del Prette, 2017). Ou, ainda podem estar relacionados a ambientes pouco estimulantes, práticas parentais não favoráveis ou em sujeitos com timidez bastante expressiva. A saber, Monjas e Caballo (2005) definem timidez como uma evitação em se relacionar com outras pessoas e que a falta dessas relações resulta em um padrão de comportamento retraído, que mesmo sendo aceito socialmente, coloca o indivíduo em um grupo de risco devido ao desenvolvimento pessoal (Arón & Milici’C, 1994).

Variabilidade de repertório

O desenvolvimento das habilidades sociais ocorre através da convivência com familiares, amigos e comunidade e por isso, é de extrema importância para auxiliar o sujeito a interagir consigo, com os outros e com os desafios e situações impostas pela vida. São elas que irão definir a forma de agir individualmente e em grupo, a resolver problemas inesperados e a tomar decisões importantes na vida. Além do mais, um repertório empobrecido de tais habilidades pode ser um forte indicador de problemas psicológicos (Del Prette & Del Prette, 2017).

Ademais, o processo de subjetivação ou de individuação em gêmeos é bastante desafiador (Marquez, 2008), o que torna de suma importância identificar como as habilidades sociais poderiam contribuir e auxiliar nesse processo. Para tanto, ao longo deste estudo algumas habilidades sociais se destacaram, como a de comunicação, que pode ser identificada quando o sujeito possui destreza ao “iniciar e manter uma conversa, fazer e responder perguntas, dar e receber feedback, elogiar e agradecer um elogio, dar opinião [...]” (Del Prette & Del Prette, 2017). Essa habilidade pôde ser observada nas falas a seguir:

“Pela primeira vez do grupo de debate [empolgada]. Eu fiz uma simulação de uma reunião da ONU e foi muito legal. E eu sempre gostei dessas coisas e aí eu pensei em fazer alguma coisa relacionado a isso, tipo, meu primeiro pensamento, seguindo a indicação do meu professor foi, diplomata, entendeu? Mas também tem muita coisa aqui que envolve isso, que não é, tipo assim, eu quero alguma coisa assim por enquanto, né? Porque eu mudo bastante” (Companhia (a)).

“Aí a pessoa está incomodada porque ela acha que eu estou falando com ela. E não, estou falando sozinha, só que mais alto. Porque eu acho legal reclamar sozinha. Eu gosto de falar sozinha, minha mãe às vezes me chama de louca porque eu falo sozinha [...] [sorrindo]” (Diferente).

A habilidade de fazer e manter amizades também ficou explícita nesse estudo. Ela pode ser compreendida como “iniciar conversação, apresentar informações livres, ouvir/fazer confidências, [...] responder a contato, enviar mensagens, convidar/aceitar convite para passeio [...]” (Del Prette & Del Prette, 2017). As falas abaixo demonstram tal habilidade.

“Eu tenho meus amigos do condomínio, sempre foram nossos, de nós duas. Lógico que de vez em quando a gente tem uma preferência de tal uma e tal outra, até porque, somos pessoas diferentes. Mas a gente sempre, praticamente teve o mesmo ciclo, porque a gente vive juntas” (Diferente).

“Foi tranquilo [sorriso tímido]. Eu me afastei de umas pessoas, mas eu não acho que foi bem por causa da pandemia. Acho que eu já queria me afastar. E eu continuo sendo amiga de outras amigas, assim, tipo, desde

criança. Mas também me permitiu conhecer gente nova, né? Entraram dois colegas novos, não entra muita gente nova na escola, então isso mudou” (Parceria(a)).

A habilidade de automonitoria pode ser definida como “[...] observar seus próprios comportamentos, inibir reações impulsivas, prever o impacto de diferentes reações e alterar o desempenho durante a interação [...]” (Del Prette & Del Prette, 2017). As falas abaixo comprovam essa identificação.

“Ou ficam me comparando tudo em relação a rosa (cor)? Eu, que sempre ficava com esse negócio por ela desde pequena, gostava de rosa, ela gostava de roxo e preto. E aí, sempre viam nesse negócio que eu tinha que ser rosa, que não sei por que é rosa e aí me irritava porque uma vez eu queria, pelo menos algumas vezes. [...] quando eu recebi alguma coisa de outra cor eu era obrigada a trocar. Enquanto se trata de presente ou até mesmo de primeira impressão, sim, é bem chato [irritada]. Quando era pequena, tinha 5 anos e eu tinha que trocar por outra cor. Atualmente, depois tem um negócio que eu comecei a dizer que não, que não ia trocar, que não sei o que, se eu gostasse mais, eu não ia trocar o meu” (Diferente).

“Mas, quando é uma prova, por exemplo, eu me culpo e dou um jeito de resolver eu comigo mesma. Meus pais não cobram muito de mim, e por isso não falo muito porque é uma cobrança minha [preocupação]. Daí busco a professora e converso para ver se tenho condições de recuperar” (Conexão (a)).

Civilidade pode ser entendida como os cumprimentos ao chegar ou sair de um ambiente. Envolve também a utilização assídua de expressões como por favor, com licença, me desculpe, obrigada e “outras formas de polidez normativas na cultura” em que o sujeito está inserido (Del Prette & Del Prette, 2017). Essa habilidade pode ser identificada nas falas a seguir:

“[...] eu estou tentando me esforçar um pouco mais em inglês até vou pedir para minha mãe se ela tem de conseguir financeiramente como me colocar em um curso, porque eu sei que é importante [pensativa]. Eu ia agradecer” (Diferente).

“Eu queria te agradecer, porque por muitas vezes venho acionada com a empolgação assim, de falar da mana aqui [sorrindo]” (Companhia (a)).

A empatia também pôde ser observada na realização deste estudo. Del Prette e Del Prette (2017) as definem como uma habilidade de se aproximar ao outro, colocar-se no lugar do outro, manter contato visual, ser compreensível, confidente, prestativo, conseguir compartilhar sentimentos. As falas a seguir representam essa habilidade.

“Achei bem legal também [sorrindo]. Muito obrigada por ter feito com nós também essa pesquisa e quando precisar, é só chamar (contato por WhatsApp) a mãe também” (Afeto).

“É um pouco mais como tu sabes, só que não tem como, porque a gente não é a mesma pessoa [irritação]. Eu tentei explicar isso para outras pessoas, tipo nossa, isso me incomoda bastante. Só que ninguém conseguiu entender. Eu entendo que não, porque é sim, a gente é muito parecida, e eu não culpo as pessoas por pensarem que a gente pode ser parecida de personalidade também, porque é o que a gente está inclinado a pensar. Mas daí é. É difícil entender mesmo. Eu entendo que é difícil entender, mas é muito ruim quando nos tratam como se a gente fosse uma coisa só, entendeu?” (Companhia (a)).

As habilidades de manejar conflitos e resolver problemas interpessoais também foram identificadas neste estudo e podem ser notadas nas falas abaixo. Elas são compreendidas como facilidade em “[...] reconhecer, nomear e definir o problema, [...] elaborar alternativas de comportamento, propor alternativas de solução [...]” (Del Prette & Del Prette, 2017).

“Acho que o diálogo é a melhor opção. Com meus amigos sempre deixo isso claro, quando tiver algo acontecendo chegar e falar porque não tem como adivinhar que alguém está chateado com alguma coisa ou que alguém fez alguma coisa que magoou o outro” (Conexão (a)).

“Penso bastante, eu falo muito com a mana, né? [animada] Então, tipo, claro, eu falo com os meus pais, mas tudo, tudo, tudo, tudo. Ela sabe tudo. Não tem uma coisa que não passe por ela. Eu posso falar com eles para pedir conselhos e tal, mas ela é a pessoa com quem eu mais converso sobre isso. Então, no processo de decisão de alguma coisa importante que eu preciso saber. Escolher alguma coisa, decidir o que eu vou fazer quando eu estiver numa situação. Eu penso comigo mesma. Mas, sempre, tipo, ela me ajuda” (Companhia (a)).

Capacidade de expressar solidariedade está na capacidade de “identificar necessidades do outro, oferecer ajuda, expressar apoio, [...] cooperar, expressar compaixão [...]” (Del Prette & Del Prette, 2017). Essa habilidade ficou evidente nas falas a seguir:

“Eu não sei o que é, eu sinto que a gente percebe quando o outro está precisando de alguma coisa ou tá mal, precisando de ajuda. É só com ele [sorriso tímido]. Só numa troca de olhar. É só olhar para ele. Sim, a gente já percebe. Não sei definir isso” (Parceria (b)).

“A gente tem uma conexão muito boa. Hoje, parece. Só de olhar a gente vê sabe, que... o que uma tem com a outra, qual é o problema com a outra. Muito forte, agora [sorrindo]” (Amor).

O adolescente deve reforçar e fortalecer seus comportamentos desejáveis para que práticas problemáticas e transtornos psicológicos se distanciam de suas condutas, aproximando-o de consequências assertivas no âmbito social, familiar, escolar e profissional (Del Prette & Del Prette, 2017). O aumento de repertório de habilidades sociais amplia as aptidões do sujeito, “principalmente em termos de empatia, expressão de sentimentos e resolução de problemas [...]” (Del Prette & Del Prette, 2005). Ou seja, mesmo na convivência com seu co-gêmeo, suas ações e atitudes precisam fazer sentido para si. Ir ao encontro de seus valores éticos e morais enquanto ser inserido e acolhido em uma família, escola ou em qualquer outro grupo de apoio que o adolescente julgue sadio para sua convivência e seu desenvolvimento (Ramos, 2017).

Considerações finais

O principal objetivo desse estudo foi compreender como acontece o desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes gêmeos. Os resultados mostraram que as habilidades sociais são comportamentos que podem ser aprendidos pelos adolescentes gêmeos, desde que seja disponibilizado um ambiente favorável para isso e que, o déficit de uma habilidade social substancial, como a de comunicação, pode impactar no desenvolvimento de outras habilidades sociais, como civilidade e autonomia.

Somando a questão da gemelidade, ficou perceptível que o déficit da habilidade de comunicação impactou na dupla. Ou seja, os dois indivíduos, mesmo sendo considerados pessoas diferentes uma da outra, apresentam dificuldade de desenvolver a mesma habilidade, e essa privação de estímulo para a aprendizagem desta habilidade base, pode estar relacionada ao processo ambiental em que estão inseridos.

Outro fator ligado ao baixo repertório de habilidades sociais como a civilidade, autonomia e fazer e manter amizades, foi a timidez e/ou inibição. As duplas que apresentaram respostas curtas, sem troca de olhares com a entrevistadora, mesmo no ambiente remoto, ou tom de voz retraído apresentaram pouca desenvoltura e baixo vocabulário para responder os questionamentos. O que pode ser observado neste estudo que a relação simbiótica com a mãe ou com o co-gêmeo pode ser um fator importante para a aquisição de habilidades sociais.

Em contrapartida, as habilidades sociais desenvolvidas por um dos adolescentes, nem sempre reflete na dupla, ou seja, independe da gemelaridade. A parceria que ocorre entre a dupla não está diretamente ligada à aquisição ou ampliação do repertório de habilidades sociais, fazendo com que cada um construa seu repertório individualmente, levando em conta seus desejos e suas vontades. Esse fator serve de sugestão para futuras pesquisas.

Algumas limitações deste estudo estão diretamente ligadas ao público de gêmeos no geral. A literatura é bastante escassa para os gêmeos dizigóticos, e possui grande foco nos gêmeos monozigóticos e nos assuntos que envolvem a genética da gemelaridade. Uma vez que, os participantes deste estudo foram gêmeos dizigóticos, destaca-se a importância de ampliar o olhar para o comportamento dos gêmeos monozigóticos em futuros estudos.

Resumidamente, a gemelaridade impacta o déficit, o não desenvolvimento de habilidades sociais como comunicação, e conseqüentemente em ter autonomia, civilidade e fazer e manter amizades. Por isso, é importante os pais identificarem as particularidades de cada indivíduo a fim de oportunizar ambientes favoráveis para a aquisição de diferentes habilidades sociais.

É importante ressaltar que este estudo apresenta a percepção do gemelar diante de algumas situações cotidianas relatadas ao longo das entrevistas. Algo bastante enfatizado pelos participantes é a constante busca pela subjetividade e por se fazer ser percebido como alguém diferente, dissociado de seu co-gêmeo (a), baixando a tolerância para comparações e confusões. Para tanto, cabe a quem convive com gêmeos identificar suas diferenças e olvidar as semelhanças como ato de respeito e amor aos mesmos.

Referências

- Aberastury, A. 1996. *Abordagens à psicanálise de crianças*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Aberastury, A. 1982. *Psicanálise da criança, teoria e técnica*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Alcântara, M. A. R. 2013. Nascimento e morte na família: originalidade e evidência da existência humana. In Alcântara, M. A. R., Rabinovich, E. P. & Petrini, G. *Família, natureza e cultura: cenários de uma transição*. Salvador, BA: EDUFBA.
- Andrade, L. M. C. 2016. Luzes e sombras em famílias de gêmeos. (Tese de doutorado). Porto, PT: Universidade do Porto.
- Arón, A M. & Milici’C, N. 1994. *Viver com os outros: programa de desenvolvimento de habilidades sociais*. (J. Santos, Trad.). Psy.
- Bardin, L. 2011. *Análise de conteúdo* (ed 70, p. 33-52). São Paulo, SP: E-book.
- Conselho Nacional de Saúde [CNS]. 2016. *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*. O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Extraordinária, realizada nos dias 06 e 07 de abril de 2016, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, pelo Decreto nº 5.839, de 11 de julho de 2006, e. Brasília, DF: CNS. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html.
- Costa, C. S. L. & Del Prette, A. 2012. Estudo comparativo de observação de habilidades sociais de gêmeas com e sem deficiência visual. *Revista Educação Especial*, 25(42), 75-88.
- David, D. L., de Azevedo, E. C., Russi, E. M. S., Berthoud, C. M. E., & de Oliveira, A. L. 2000. Triade de contato íntimo: Apego entre mãe e filhos gêmeos. *Revista Biociências*, 6(1).
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A.P. 2005. *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes Limitada, E-book.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A.P. 2017. *Habilidades sociais e competência social para uma vida melhor*. São Carlos, SP: EdUFSCar, E-book.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A.P. 2018. *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes Limitada, E-book.
- Fagundes, S. 2021. *Sobre a gemelaridade e o processo de separação/individuação*. Horizontes Psicanalíticos, [s.l.], p. 52. <https://clinicahorizontes.com.br/wp-content/uploads/Horizontes-Psicanalíticos.pdf#page=53>.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J & Turato, E. R. 2008. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de saúde pública*, 24, 17-27.
- Galindo, C. M. B. S. 2021. Habilidades sociais na adolescência e fatores associados: uma revisão integrativa. *Revista de Extensão da UPE*, 6(Suplemento 1), 1-2.
- Gil, A. C. 2008. *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Halbe, H. W. 1976. Ovulação. *Revista de Medicina*, 60(2), 4-17.
- Havighurst, R. J. 1957. *Tarefas evolutivas das crianças e dos adolescentes*. Disponível em: cedap.ufrgs.br/jspui/bitstream/20.500.11959/10000001706/2/1706.
- Jabbour, C. & Marques, L. 2000. *Gêmeos: onde está a semelhança*. Papel e Virtual.
- Kupermann, D. 2018. Gêmeos: umbigo da pesquisa psicanalítica. In: Morgenstern, A. & Gueller, A. S. *Atendimento psicanalítico de gêmeos*. Zagodoni (Série prática clínica, 19).
- Lucion, M. K. & Escosteguy, N. 2011. Relação mãe-cuidadores de gemelares no primeiro ano após o nascimento. *Journal of Human Growth and Development*, 21(2), 307-318.
- Malmstrom, P. M. 2001. Uma abordagem regional para promover a melhoria do cuidado de múltiplos. *Twin Research and Human Genetics*, Cambridge, 4(2),67-70.
- Manzato, A. J. & Santos, A. B. 2012. *A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa*. Santa Catarina: Departamento de Ciência de Computação e Estatística IBILCE-UNESP. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.31533/pubsaude11.a387>

https://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf.

- Marquez, I. S. M. A. B. 2008. *Gêmeos, subjetividade e narcisismo: especificidades interferentes*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo, SP: Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Monjas, I. & Caballo, V. E. 2005. Psicopatologia e tratamento da timidez na infância. In: Marinho, M. L., Caballo, V. E. & Simon, M. A. *Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: transtornos específicos*. São Paulo, SP: Livraria Santos Editora.
- Moura, L. 2008. A conquista da identidade. In: Outeiral, J. (Org). *Adulterar: A dor e o prazer de tornar-se adulto*. Revinter.
- Morgenstern, A. & Gueller, A. S. 2015. Do trabalho suplementar na constituição subjetiva de gêmeos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(3), 53-67.
- Reis, M. E. B. T., Cordeiro, S. N. & Simon, R. 2018. Diagnóstico adaptativo e individualização em gêmeos: estudo exploratório. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38, 142-156.
- Rodrigues, G. A. 2014. *Percepções de gêmeos acerca de estudar ou não na mesma turma*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Rodríguez, S. I. & Damásio, B. F. 2014. Desenvolvimento da identidade e do sentido de vida na adolescência. In Habigzang, L. F., Diniz, E. & Koller, S. H. (Org.). *Trabalhando com Adolescentes: Teoria e Intervenção Psicológica*. Porto Alegre, RS: Artmed, E-book.
- Short, P. C. A. 2021. *A natureza da relação gemelar na infância: uma abordagem evolucionista sobre os fatores que influenciam o relacionamento entre irmãos gêmeos*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Tancredy, C. M. & Fraley, R. C. 2006. A natureza dos relacionamentos entre gêmeos adultos: uma perspectiva teórica do apego. *Revista de Personalidade e Psicologia Social*, 90(1), 78.
- Teixeira, R. B. D., De Araujo, E. A. S. & Do Valle, T. G. M. 2017. Relação entre irmãos gêmeos e trigêmeos e as práticas educativas parentais: avaliando as habilidades sociais. In Oliveira, A. L. & Castro, P. F. *Psicologia: diversos olhares*. São Paulo, SP: Ed Unitau, E-book.
- Viotto, M. E. B. T. 1993. Gêmeos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 13(1-4), 34-38.
- Wagner, M. F., Oliveira, M. S. & Caballo, V. 2012. Treinamento de Habilidades sociais e sua aplicabilidade na prática clínica. In Oliveira, M. S. & Andretta, I. *Manual prático de terapia cognitivo-comportamental*. Casa do Psicólogo.
- Zanini, R. S. 2009. Maturidade mental em gêmeos univitelinos. *Revista Neurociências*. <https://doi.org/10.34024/rnc.2009.v17.8609>.

Minicurrículo

Caroline da Silva Bueno. Orientadora Profissional. Pós-graduanda em Psicologia Cognitivo-Comportamental. Pós-graduanda em Psicologia Escolar. Voluntária no grupo de pesquisa ICCep - Intervenções Cognitivo-Comportamentais – UNISINOS – RS. Voluntária no grupo de pesquisa Paineis USP de Gêmeos – USP – SP.

Ilana Andretta. Psicóloga Cognitivo-comportamental. Professora do Programa de Pós- graduação em Psicologia e do curso de graduação em Psicologia da UNISINOS. Líder do grupo ICCep - Intervenções Cognitivo-Comportamentais: Estudo e Pesquisa no CNPQ. Possui artigos publicados nas áreas de entrevista motivacional, treinamento em habilidades sociais e emocionais, psicoterapia e programas de prevenção, dependência química, terapia cognitivo-comportamental, mindfulness e uso de mídias sociais.

Como citar: Bueno, C.S., & Andretta, I. 2022. Habilidades sociais em gêmeos adolescentes. *Pubsaúde*, 11, a387. DOI: <https://dx.doi.org/10.31533/pubsaude11.a387>

Recebido: 28 ago. 2022.

Revisado e aceito: 11 set. 2022.

Conflito de interesse: os autores declaram, em relação aos produtos e companhias descritos nesse artigo, não ter interesses associativos, comerciais, de propriedade ou financeiros que representem conflito de interesse.

Licenciamento: Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0).